



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

BRUNO RAPHAEL SAUL

IDENTIDADE DE GÊNERO: A (DES)CONSTRUÇÃO EM RELAÇÃO À MODA

Tubarão

2017

BRUNO RAPHAEL SAUL

IDENTIDADE DE GÊNERO: A (DES)CONSTRUÇÃO EM RELAÇÃO À MODA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Tecnólogo em Designer de Moda
da Universidade do Sul de Santa Catarina
como requisito parcial à aprovação na
disciplina.

Orientador: Prof. Dra. Cláudia Nandi Formentin

Tubarão
2017

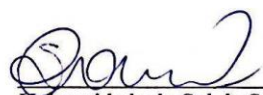
BRUNO RAPHAEL SAUL

**IDENTIDADE DE GÊNERO:
A (DES)CONSTRUÇÃO EM RELAÇÃO À MODA**

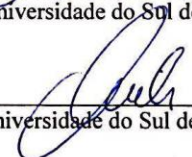
Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do grau de tecnólogo em Design de Moda e aprovada em sua forma final, com média 9,5, pelo Curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 7 de dezembro de 2017.

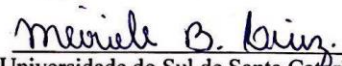
Prof. Claudia Nandi Formentin (orientadora)


Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Jamile Mendes Martins (convidada)


Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Meiriele Bittencourt (convidada)


Universidade do Sul de Santa Catarina

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
RIUNI- Repositório Institucional Unisul

Termo de Autorização para submissão de TCC no RIUNI

Eu, Bruno Raphael Saul
CPF 095.000.509-60, autorizo _____
CPF _____ a incluir o documento (título)
Identidade de gênero: A (de)construção em relação à moda.
também de minha autoria no Repositório Institucional da Unisul conforme
licença pública Creative Commons por nós estabelecida e declaro que me
responsabilizo pelo conteúdo da obra objeto desta autorização, sendo
também de minha responsabilidade quaisquer medidas judiciais ou
extrajudiciais concernentes ao conteúdo.

Assinatura Bruno R. Saul

Tubarão, 12 de dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Ao fim desta caminhada onde eu pude me desenvolver e crescer profissionalmente, meus singelos agradecimentos, primeiramente a Deus.

Aos meus amados pais, Lindomar e Ivanir por sempre confiarem em mim e acreditarem no meu sucesso, me acolhendo e me incentivando sem medirem esforços, me dando força e um abrigo seguro em seus braços nos momentos de dificuldade e também nos felizes.

Ao meu irmão, Kauê por toda a cumplicidade e lealdade, e também por sempre acreditar em mim, estando sempre comigo e me nutrindo de energia para seguir em frente. À você meu muito obrigado!

Ao meu namorado João Pedro, que esteve pacientemente ao meu lado me dando forças e consolo nos momentos de angústia e de estresse durante esta caminhada. Obrigado por todo o seu amor, a você meus agradecimentos!

À professora e minha orientadora, Cláudia Nandi Formentin, por ter aceitado prontamente o meu convite me orientando nesta pesquisa, com muita eficiência e inteligência, onde encarou comigo o desafio me dando ânimo para prosseguir. Sabendo conduzir a realização deste trabalho, sempre disposta a esclarecer minhas dúvidas. Sou muito grato por tudo que me proporcionou e pelo carinho sempre manifestado.

As professoras Darlete Cardoso e Terezinha Silveira, por sempre me receber tão pacientemente nas disciplinas, e também pela sua dedicação e empenho para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de faculdade, que ao longo destes três anos compartilharam comigo momentos especiais.

À todos vocês o meu muito obrigado pela oportunidade de conhecer e vivenciar esses momentos inesquecíveis.

E, por fim, gostaria de agradecer aqueles que, direta e indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho e para minha construção profissional!

Por algum tempo, ela segurou a lanterna. Iluminava o caminho e o deixava seguro durante a viagem. De vez em quando ele sumia, como criança ao se distrair com algum barulho no meio da estrada. Depois a alcançava de novo - não se sabe se em busca dela ou da lanterna. Até que, num determinado momento, ele ficou para trás. Quando não ouviu mais sua voz, nem os seus passos, ela apontou a lanterna acesa para todas as direções. Procurou, gritou por ele. Nada. Sentou-se à beira da estrada e chorou. Desligou a lanterna e ouviu o silêncio gritando, as cores do escuro cegando seu pensamento. E adormeceu, exausta. Quando acordou, já era dia. A estrada parecia diferente. Talvez outra. E de que adiantava a lanterna se ela não sabia mais para onde seguir? Ela ainda pensava sobre isso quando o avistou de novo. Sentiu seu coração batendo mudo. Não tinha o que dizer, nem para onde apontar. É outra a estrada. E ela já não sabe mais como guiá-lo. Ela mesma precisa aprender o caminho de novo (CRIS GUERRA).

RESUMO

O objetivo deste artigo é averiguar se a moda é utilizada como ferramenta na (des)construção de uma identidade de gênero na comunidade LGBT. Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e de caráter exploratório, realizado através de um questionário aplicado com sujeitos do meio LGBT da região da AMUREL, no Sul de Santa Catarina. Foi aplicado um questionário em seis participantes de diferentes orientações e/ou identidades sexuais. As respostas obtidas com os questionários foram analisadas sob a perspectiva da análise de conteúdo. Os resultados apontam que os participantes compreendem o conceito de moda, porém, não conseguem defini-lo claramente, apontando somente características genéricas do fenômeno. A concepção da identidade de gênero pelos mesmos se fez presente, todos possuem a noção previa, porém ecoam de forma discorrida ao tentar explicar o fato. Os achados apontam que a correlação entre moda e identidade de gênero se faz presente em diferentes esferas, tornando-se relevante as correlações e as discussões sobre as variáveis, afinal, ao vestir-se o indivíduo carrega consigo inúmeros signos. Por fim, a pesquisa ainda apontou que a moda é utilizada como ferramenta de (des)construção de gênero e utilizada como meio de comunicação pelo indivíduos que se apropriam da mesma numa perspectiva mercadológica ou perspectiva de desenvolvimento pessoal.

Palavras-Chave: Moda. Diversidade. Identidade de Gênero. Vestimenta.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Trajes romanos, uso da túnica.....	16
FIGURA 2 - Retrato da mulher do século XIX.....	17
FIGURA 3 - Retrato do homem do século XIX.....	17
FIGURA 4 - vestuário masculino década de 60.....	18
FIGURA 5 - Vestuário feminino década de 60.....	18
FIGURA 6 - Cortes e formas masculinas no vestuário feminino dos anos 80.....	19
FIGURA 7 - Cores como fator de distinção sexual.....	20

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dados de identificação.....	33
QUADRO 2 - O que os participantes entendem sobre moda.....	34
QUADRO 3 - O que os participantes entendem sobre identidade de gênero.....	36
QUADRO 4 - De que forma a moda é utilizada como uma ferramenta de comunicação.....	37
QUADRO 5 - De que forma a moda contribui para processo de desconstrução e/ou construção de uma identidade de gênero.....	38
QUADRO 6 - De que forma a vestimenta é utilizada para exteriorizar sua identidade de gênero.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	MÉTODO	12
3	SURGIMENTO E CONCEITO DE MODA.....	14
4	MODA E GÊNERO - MASCULINO/FEMININO.....	16
5	IDENTIDADE DE GÊNERO	22
5.1	GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE	25
6	MODA (DES)CONSTRUIDA (GÊNERO)	30
7	ANALISE DO OBJETO.....	33
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	49
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	50
	APÊNDICE C – PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO E RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	52

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada pretende contextualizar o conceito de moda, fazendo referência desde seu aparecimento, suas definições e a forma que a mesma se estabelece em relação à construção do sujeito tanto como indivíduo como fazendo parte de um grupo social, além de outras questões pertinentes ao assunto. O contexto de moda será aplicado também quanto ao gênero no papel masculino/feminino, dando uma pincelada histórica com intuito de compreender essa divisão, em algumas épocas - tão explícita.

A identidade de gênero se faz de base para a pesquisa, conceituando o termo na visão de autores, como, Bourdieu (1999), Butler (2003), Costa (2004), Nogueira (2001), Scott (1995), Woodward (2012) e outros. Dentro desta questão também é colocada à relação entre gênero, sexo e sexualidade, que ainda é pouco difundida e compreendida pelos indivíduos.

Para averiguar essas relações compreendeu-se a moda como ferramenta de uma identidade de gênero dentro do meio LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Foi nesse contexto que surgiu as perguntas problema deste trabalho: o que os indivíduos pertencentes ao meio LGBT entendem por moda? Qual a contribuição da moda no processo de (des)construção de uma identidade de gênero no meio LGBT? As vestimentas utilizadas pelo meio LGBT têm a intenção de (des)construir a identidade de gênero?

A pesquisa se faz relevante no âmbito atual onde se observa uma constante evolução tecnológica, mas ao mesmo tempo um retrocesso social, tendo em vista que ainda se verificam preconceitos e tabus em relação à identidade de gênero e a comunidade LGBT.

Tratando-se da moda, é de se considerar que muitas vezes a mesma é utilizada para distinguir identidades. A roupa se faz de alicerce nesta distinção, formando um divisor entre os sexos e suas necessidades de afirmações e compreensões explícitas que são impostas pela sociedade. Conforme é colocado por Oliveira (2015, p. 94):

A definição de uma aparência se dá por intermédio de reinterações, de constantes que, em ciclos de duração variáveis de uma dada configuração, formam, de um lado, as suas marcas de permanência e, de outro, as de suas transformações. Assim, essa construção é dinâmica do corpo vestido podem ser tomadas como um dos alicerces da construção identitária.

Conhecer os aspectos envolvidos na moda e na (des)construção do gênero dentro da comunidade LGBT perpassa questões relacionadas à moda propriamente dita ou as questões de sexualidade e gênero, podendo também atingir questões subjetivas dos sujeitos que

utilizam a roupa como forma de emponderamento. Esse estudo poderá contribuir para o desenvolvimento de formas de trabalho que auxiliem não somente estilistas, mas também sujeitos que usam a roupa como forma de expressão do corpo e da alma, além de tornar visível os possíveis estigmas e preconceitos enfrentados por esse público devido a forma como se vestem e se expressam socialmente.

No que tange à área do designer de moda propriamente dita, entender quando a moda torna-se ferramenta para a (des)construção de uma identidade de gênero dentro do meio LGBT possibilitará que os profissionais compreendam parte de seu público, identificando possíveis nichos de mercado e lacunas no processo de confecção de roupas para que possibilitem a (des)construção de gênero. Além de apresentar fatores relevantes para o desenvolvimento de habilidades dos estudantes e profissionais da área com relação à diversidade nos grupos de seu público, possibilitando consequentemente uma produção mais fiel e fidedigna as demandas daqueles que destoam dos padrões sociais ou não se sentem envolvidos a esses.

O estudo subsidiará contribuições também para a literatura de diversas áreas que trabalham com diversidade sexual, gênero, sexualidade e interessadas, tendo em vista que atualmente existem poucas pesquisas relacionadas à (des)construção de gênero por meio da roupa. Tal afirmação se justifica, pois, ao fazer levantamento bibliográfico em periódicos virtuais e banco de dados, observou-se a defasagem de produções relacionadas ao tema. Os estudos já existentes baseiam-se principalmente em compreender as questões de moda no contexto mais amplo, produção em moda e levantamentos acerca dos estudos contemporâneos dentro da moda. Sendo assim, compreender as facetas da (des)construção de gênero por meio da moda e principalmente da vestimenta torna-se relevante, tendo em vista a defasagem de pesquisa e a relevância do tema no meio acadêmico e profissional.

O objetivo central desta pesquisa é analisar a influência da moda no processo de (des)construção de uma identidade de gênero no meio LGBT. Dessa forma faz-se um processo de averiguação sobre o que os participantes entendem por moda, se a moda é utilizada para (des)construir a identidade de gênero por LGBT's e se as vestimentas utilizadas pelos participantes exteriorizam sua identidade de gênero.

Na tentativa de contribuir com os estudos relacionados à moda e a identidade de gênero, esta pesquisa aborda assuntos como o conceito de moda, correlação entre moda e gênero (masculino e feminino), identidade de gênero, a tríade entre gênero, sexo e sexualidade e a moda (des)construindo/gênero.

2 MÉTODO

A pesquisa foi fundamentada a partir dos princípios da modalidade de **pesquisa de campo de caráter exploratório**. Para Barros e Lehfeld (2007), as pesquisas de campo têm o papel de explorar dados e informações sobre o fenômeno pesquisado. Quando caracterizadas de caráter exploratório tendem a ser consideradas como as que objetivam tornar o problema de pesquisa mais visível, dando ao pesquisador abertura e possibilitando à criação de hipóteses. (GIL, 2002).

Utilizou-se a **abordagem qualitativa** como forma análise de dados. De acordo com Richardson (1985) os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade do problema pesquisado, analisando e compreendendo a interação das variáveis e classificando os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, consequentemente possibilitando um maior nível de profundidade e o entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos pesquisados.

No processo de **coleta de dados**, utilizou-se como instrumento de pesquisa o **questionário**. Marconi e Lakatos (2003) esclarecem a tipologia do questionário, onde definem o esse como um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

Após ser delimitada, a estratificação de amostra contou com a participação total de seis sujeitos pertencentes ao meio LGBT, maiores de dezoito anos, de ambos os sexos e de diferentes cidades da região da AMUREL (Associação de Municípios da Região de Laguna, no Sul de Santa Catarina).

O pesquisador entrou em contato com os participantes, proferindo o convite a serem sujeitos da pesquisa. Esclareceu os objetivos, o procedimento da pesquisa e os preceitos éticos aos qual a mesma estava sendo submetida. A participação na pesquisa foi facultativa, e os participantes que concordaram em responder a entrevista, foram esclarecidos sobre os objetivos da mesma. No mesmo ato foi entregue um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), contendo as informações necessárias a respeito da pesquisa e objetivando a preservação da identidade dos participantes.

As informações contidas no conteúdo das respostas obtidas foram categorizadas por agrupamento de respostas e posteriormente analisadas com utilização da técnica de análise de conteúdo, respeitando e garantindo a fidedignidade dos dados obtidos.

Os resultados estão expostos através de quadros, contendo os resultados da pesquisa de campo realizada em setembro/outubro de 2017, que serão apresentados e posteriormente analisados a luz do marco teórico.

Sempre que as falas dos entrevistados forem transcritas, eles serão identificados por meio da letra “E” de entrevistado e seguida de um numeral.

3 SURGIMENTO E CONCEITO DE MODA

Atualmente é comum escutar frases como: “Naquele tempo à moda era outra” ou outras semelhantes. Para Gonçalves (2012, p.15) “a roupa é sempre um retrato de uma época, um traço indissociável da sociedade que a produz e a veste, sendo imposta ao indivíduo desde os primeiros suspiros e acompanhando-o mesmo após o fim do seu ciclo vital”. O autor ainda completa dizendo que a roupa e a moda não podem ou não deveriam contrapor um contexto que se distancia dos gabinetes da história, sabendo que a contextualização e construção da história se fazem por meio dos vestígios deixados pelo indivíduo durante sua trajetória.

Seguindo a mesma perspectiva, Castilho (2004) aponta que resgatar fenômenos da moda é um recurso no qual se pode expressar uma época e assimilar seus costumes, do mesmo modo que as estruturas das relações criadas intersubjetivas que mediam os processos de sociabilidade.

A moda é um dos termos da linguagem recorrente que esclarecem realidades sociais difusas, dando imensa contribuição ao entendimento das experiências de sociedade no seu conjunto. Usada em vários contextos, fornece um quadro comum de referência e de pensamentos para vários aspectos da vida social. Menciona, numa primeira aproximação, “a uma dicotomia temporal entre o “velho” e o “novo”, entre o presente e o passado, entre mobilidade e imobilidade”. (CALANCA, 2008, p.11)

O termo [moda] surgiu ao final da Idade Média e início da Renascença, na corte de Borgonha (atual França), com o crescimento das cidades e arranjo das cortes que na época se faziam presentes. Tinha como seu propósito a função de constituir um estilo de vida (seu modo), um gênero, as vestes, a conduta do indivíduo perante o social, dentre outros. “Originado do latim “modus”, literalmente “medida”, o termo moda passou a expressar valores tão diversos como conformidade e relações sociais, rebelião e excentricidade, aspiração social e status, sedução e encanto” (FOGG, 2013, p.8).

É necessário compreender que muitas vezes “a moda serve como reflexo das sociedades à volta. É possível entender um grupo, um país, o mundo naquele período pela moda então praticada” (PALOMINO, 2003, p.14). Esta afirmação é corroborada por Dutra que considera a moda como “uma técnica corporal, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade, valorizando certos comportamentos em detrimento de outros.” (DUTRA, 2002, p. 359). É nessa perspectiva que é possível compreender a moda como sendo algo que identificará os grupos, sendo assim, um elemento de inclusão. Conforme Hobsbaum, “homens e mulheres procuram grupos de que possam fazer

parte, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo o mais se desloca e muda, em que nada é certo.” (HOBSBAUM *apud* BAUMAN, 2001, p.196).

Percebe-se, então, que o significado da palavra moda perpassa por várias áreas do comportamento humano. Assim, para este trabalho, moda será apresentada como “um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, que integra o simples uso das roupas no dia-a-dia a um contexto maior, político, social, sociológico.” (PALOMINO, 2003, p.14). Nela “[...] e por ela, os sujeitos mostram-se, mostrando os seus modos de ser e estar no mundo, o que os posiciona neles.” (CASTILHO, 2004, p. 58). Neste contexto Oliveira (2015) consolida que os cenários de exibição do sujeito, compõe a cena não unicamente por modelos determinados de corpo como também aqueles determinados pela indumentária, e os tipos de articulações, que o sujeito efetua na ação do corpo vestido, vão afeiçoar a elaboração de sua aparência, em que intervém a sua percepção de mundo, de vida, seus desejos e seus princípios.

Garcia e Miranda (2005) afirmam que a moda é um conjunto dos modos de percepção que podem ser atualizados pelos indivíduos ao se vestir com o objetivo de coordenar sua aparência, sendo mantida ou alterada por intermédio de seus corpos, dos acessórios utilizados e do comportamento, de forma a fornecer sentido e dessa forma interagir com o outro. Assim “as roupas, por serem signos que carregam em si uma série de significados [...] imprimem ao seu portador uma escolha diária de posicionamento no conjunto maior das teias de significados compostos como a cultura.” (SANT’ANNA, 2007, p. 75).

A roupa não veste um suporte vazio, o corpo. Ao contrário, sendo carregado de sentido na sua malha de orientações, este interage com as direções, formas, cores, cinetismo e materialidades da roupa e atua de variados modos nas suas configurações, tomadas de posições e de movimentações. (OLIVEIRA, 2008, p.93)

Pela moda e pelo vestuário a colocação do sujeito em determinada ordem social é conhecida e comunicada. Deve-se compreender que, “[...] moda e indumentária atam uma comunidade mantendo a unidade.” (Barnard, 2003, *apud* Roach e Ericher, 1979, p.18). Deste modo sugere-se que o acordo social é reforçador dentre outros vínculos sociais. A aplicabilidade da moda e da roupa se dá por meio da comunicação das aflições de uma comunidade, tanto para os que compõem quanto para os que não.

4 MODA E GÊNERO - MASCULINO/FEMININO

Castilho em seus achados traz uma narrativa entre a moda, o corpo e o sujeito, segundo a autora “a roupa desenha um corpo assim como todo corpo é desenhado pela roupa. Essas duas construções, enlaçando dois sistemas de expressão, são regidas pela moda ou pelas modas, uma vez que é numa complexa pluralidade que existe na atualidade.” (2004, p. 9). Em outras palavras, as vestimentas e suas silhuetas, dão forma ao existir do sujeito.

Ao longo da história pode-se perceber que a vestimenta teve seu desenvolvimento guiado por dois caminhos distintos que ficam bem claros aos olhos modernos [vestuário masculino e vestuário feminino]. Mas não é possível afirmar que homens sempre fizeram o uso de vestis bifurcadas e mulheres não (conforme se apresenta na figura 1).

Os Gregos e romanos usavam túnicas, o que quer dizer, saias. Povos de regiões montanhosas como escoceses e os gregos modernos usam o que são, saias. Mulheres do extremo Oriente e do Oriente próximo usavam e muitas ainda o fazem. A divisão por sexo acaba não sendo tão verdadeira. (LAVÉ, 1969, p.7)



Figura 1- Trajes romanos - uso da túnica.

Fonte: Site Vroma¹, 2017.

Para Oliveira (2008), a exposição do sujeito integra não somente os moldes pré-estabelecidos de corpo, mas também os pré-estabelecidos pela vestimenta, e os tipos de articulações que se realiza no processamento do corpo vestido pelo sujeito e vão construir sua aparência, que acaba por interferir na sua visão de mundo, vida, valores e anseios.

Por outro lado, Castilho (2004) diz que a diferença da sexualidade se evidencia nas constituições e movimentações morfológicas e anatômicas no corpo humano, tal como, na oposição entre masculino e feminino.

Hollander (1996, p. 50) vai colocar que:

Insistindo mais ainda no tema do sexo, em algum momento no decorrer do século XIV, homens e mulheres começaram a vestir-se de maneira extremamente diferente, tendo trabalhado muito lentamente para chegar a isto durante os dois séculos anteriores. Depois disso, o empréstimo de temas visuais que passavam por cima de uma separação cada vez mais nítida visualmente criou mais interesse sugestivo e tensão emocional no vestuário do que poderia ter sido criado quando homens e mulheres vestiam roupas similarmente desenhadas. Leves sugestões de transexualíssimo no vestir tornaram-se mais observáveis e mais excitantes.

No século XIX a moda se tornou um delimitador evidenciando as diferenças entre as camadas sociais de maneira mais clara. Ela também começou a atender as necessidades do indivíduo tanto pessoais como membro de um grupo, e também a refletir concepções de sentimentos deste indivíduo. Palomino (2003) afirma que não havia diferenciação no uso de tecidos por homens e mulheres, é no século XIX que a delimitação entre os sexos perante o vestuário se acentua mais, conforme figuras 2 e 3.



Figura 2- Retrato da mulher do século XIX.
Fonte: Site pinterest¹, 2017.



Figura 3- Retrato do homem do século XIX.
Fonte: Site pinterest², 2017.

As mudanças no mercado de trabalho passaram a inserir cada vez mais mulheres em seus eixos, a industrialização e a duas grandes guerras vividas na primeira metade do século XX transformaram a moda a partir desta data. Na década de 1950 com a diminuição da

exigência do uso de ternos pelas profissões, as vestes masculinas se tornaram menos formais. Segundo Probert “acredita-se que as roupas masculinas tenham pouca relação com a moda feminina do momento.” (2014 p. 273). Porém, desde a Primeira Guerra Mundial as tendências presentes na moda feminina refletem nas roupas masculinas.

A partir da década de 1960 a transição de sentidos entre o sexo masculino e feminino se tornou constante, jaquetas aviador foram empregadas pelo feminino e homens adotaram as calças esportivas e coloridas que eram do guarda-roupa das mulheres. Como pode-se ver nas figuras 4 e 5.

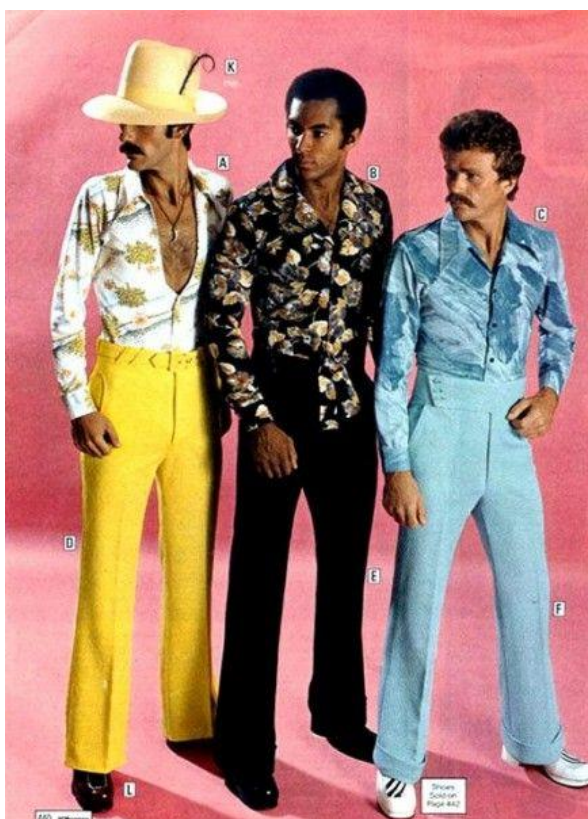


Figura 4: vestuário masculino década de 60.
Fonte: Site fashion bubbles¹, 2017.



Figura 5: Vestuário feminino década de 60.
Fonte: Site pinterest², 2017.

Acontece que na década de 1970, a moda estava ecoando um novo arranjo feminino mais autoconfiante e afirmativo, diferente dos anos 60, assim a moda podia ter um jeito pessoal de se vestir.

Em meados dos anos 70 e 80 as mulheres lutavam cada vez com mais vigor para se afirmarem em ambientes predominantemente masculinos. Nesse período a praticidade se tornou palavra chave na moda, com tecidos e moldes baseados nessa vida competitiva e no pouco tempo para se vestir. Nessa época as roupas femininas para o trabalho, traziam modelagem mais próxima das roupas masculinas. Isso se deu em uma tentativa de demonstrar

igualdade entre homens e mulheres, neste mesmo período se deu as roupas unissex e os empréstimos do guarda-roupa masculino (LAVER, 2014).

Quando diversos tipos de moda sublinham a sexualidade, ou quando... se interessam por inclinações de gênero, muitos dentre nós podemos nos sentir ameaçados ou inseguros. Para a mulher, especialmente, os padrões exagerados frequentemente arbitrários a beleza... podem rebaixá-la e serem até mesmo ofensivos. (WILSON, 1992 *apud* BARNARD, 2003, p.167).



Figura 6: Cortes e formas masculinas no vestuário feminino dos anos 80.

Fonte: iStock¹, 2017.

De acordo com Barnard (2003) é relevante propor que a diferença percebida nas roupas de homens e mulheres pode ser percebida pela presença ou ausência de uma determinada característica apresentada pelos mesmos.

Pode-se destacar a cor como uma dessas características de distinção sexual. A associação do cor-de-rosa para meninas e azul para meninos, hoje, no Ocidente é algo frequente, assim como as pessoas se sentirem desconfortáveis quando fazem o uso da cor “errada”. “No século XVIII, um conjunto de seda cor-de-rosa era considerado um traje

adequado para um fidalgo” (BARNARD 1989 p.6, apud, STEELE, 2003). Esta associação do rosa estar ligado à feminilidade e do azul a masculinidade que surgiu na França em meados do século XIX e só por volta de 1920 se popularizou no Ocidente (BARNARD, 2003).



Figura 7 - Cores como fator de distinção sexual.
Fonte: Blogue de design¹, 2017.

Parafraseando Rouse, Barnard (2003, p. 167) coloca que “moda e indumentária são um instrumento no processo de socialização em direção aos papéis sexuais e de gênero; elas ajudam a dar forma às ideias das pessoas sobre como homens e mulheres deveriam parecer.”.

São inúmeros exemplos da diferenciação do sexo: homens e mulheres fazem o uso da calça, mas a modelagem é diferente e, em alguns casos, as cores também são diferentes, os calçados são distintos, a chemisier feminina também é diferente da camisa masculina, os trajes de banho, roupas íntimas e acessórios de homens e mulheres são diferentes. Dessa forma nem “os cabelos curtos, as calças, paletós e botas não conseguiram de modo algum dessexualizar a mulher; são, antes, sempre adaptados à especificidade do feminino, reinterpretados em função da mulher e de sua diferença.” (LIPOVETSKY, 2006, p.131).

Para Mesquita (2007), a moda faz parte de um universo que constitui cada pessoa. Sendo assim as vestimentas atuam como sendo uma “moda subjetiva”, de forma a possuir suma importância na construção do sujeito, das relações pessoais e individuais, mas que ao mesmo tempo é de caráter considerável para a relação com o outro.

Crane (2006) evidencia que as importantes informações instituídas pelas vestes relacionam-se aos papéis de gênero e as formas que são notadas pela sociedade. Tão quanto da distinção de classe como das linhas de gênero, o propósito desses códigos e o mesmo, como uma forma de linguagem não verbal, permitindo que se forme uma interpretação direta da imagem do outro, de forma a deixar pouca ou quase nenhuma margem de incertezas. As

roupas situadas no contexto binário dominante no Ocidente Contemporâneo apontam imediatamente o gênero de quem as veste.

Parece então, que tanto a decoração corpórea quanto o vestuário são capazes de comunicar visualmente a oposição entre os sexos, assinalar as características do masculino e do feminino e impor algumas limitações na forma do vestir, recobrir ou decorar, visto que os elementos matéricos e as formas constituintes, sobrepostos ao corpo no contexto, podem ser entendidos como elementos diferenciados da sexualidade e, por assim ser, traduzem a movimentação para fundar, na concepção da sexualidade centrada na oposição entre masculino versus feminino, uma ordem basilar, uma coerência social e uma visão particular do mundo que possibilita a manutenção e o reconhecimento do corpo. (CASTILHO, 2004, p.13).

Hollander (1994) coloca que na moda moderna e nas vestimentas o primeiro atributo é a sexualidade. As crianças são ensinadas que a vestimenta lhe fornece uma identidade com determinadas concepções que são anteriores do seu próprio corpo. No desenvolvimento desta delimitação, as vestes utilizadas em público por adultos se torna uma forma sexual mútua em um mundo comumente bissexual. “A excitação popular atual com o transexualismo no vestir mostra apenas quão profundamente acreditamos ainda em separar simbolicamente as roupas dos homens e das mulheres, mesmo que em muitas ocasiões ambos se vistam da mesma forma”. (HOLLANDER, 1994, p.17).

5 IDENTIDADE DE GÊNERO

Uma das principais razões pelas quais a questão das identidades é tão constantemente focalizada tanto pelos meios de comunicação quanto por outros setores da sociedade e na universidade, são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são “experienciadas”, em maior ou menor escala, por comunidades específicas. (LOPES, 2003, p. 15).

Essa hipótese é reforçada por Mercer (1990) que aponta o que justamente por causa dessas mudanças que se fala tanto em identidade. Ele afirma que “a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo entendido como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. (MERCER 1990, p. 4)

A historiadora Joan Scott (1995, p. 72) aponta que o termo gênero teve seu surgimento com intenção de “ênfatisar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Além de ir além da noção biológica de diferenciação do sexo, o termo gênero também é empregado para entender a construção do masculino e do feminino como uma coisa relacional e social: “de acordo com esta visão, as mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos e não se conseguiria assimilar qualquer um dos sexos a partir de um estudo inteiramente separado.” (SCOTT, 1995, p. 72).

Nessa lógica, gênero busca comunicar que a homens e mulheres são atribuídos relações, papéis e características a partir do sexo biológico. No panorama histórico o conceito não questionava as modelos das construções das identidades de gênero, mas preocupou-se primeiramente em descrever suas relações.

O termo gênero contribui para exacerbar a distinção entre pessoas de sexos diferentes. O estabelecimento de categorias possibilita a construção de significados sociais e culturais que distinguem cada categoria anatômica sexual e que são ensinados desde a primeira infância. (DEZIN, 1995, apud NOGUEIRA, 2001)

A concepção de gênero se aplica de maneira a contrapor concepções que tendem a naturalizar certos comportamentos vinculando-os a condição biológica e que deixam de lado questões sociais e históricas estabelecidas entre homens e mulheres. Em outras palavras, expressa “uma rejeição a um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou distinção sexual”, ao trazer à tona o caráter essencialmente social das distinções baseadas em tais concepções (SCOTT, 1995, p. 72 e DELAURETIS, 1986, p. 12).

Assim, o homem foi socializado e condicionado a ser o provedor do lar, sexualmente ativo, ligado às atividades sociais e construções culturais consideradas atos públicos, enquanto

as mulheres, durante um longo período histórico, foram mantidas em atividades privadas preocupadas com domésticas e de procriação. Essas concepções que caracterizam, principalmente, o “ser homem” e o “ser mulher”, encontram-se arraigados em nosso imaginário e são problematizados por autores como Caldas (1997), Garcia (2005) e Hollander (1996) que afirmam que essas representações sociais do que é ser masculino é atravessada por crises de identidade e negociações quanto aos papéis sociais do homem.

Um dos exemplos da naturalização dos processos de construção da identidade consequentes da repetição das normas constitutivas pode ser vista no momento em que a futura mãe descobre o sexo do bebê. Ao saber que se trata de uma menina esta passa a ser feminizada e, com isso, incluída em discursos que socialmente são considerados de seu domínio. No entanto, essa feminização da menina não adquire uma significação consistente e duradoura tendo que ser reafirmada constantemente de modo a se tornar natural. A partir disso pode-se entender que o gênero é uma “identidade tenuamente construída através do tempo” através de uma repetição incorporada por meio de gestos, movimentos e estilos. (BUTLER, 2003, p. 200). A autora ainda aponta o gênero como o fator que garante inteligibilidade e legibilidade ao corpo, ao sexo.

Costa (2004) fala que a denominação gênero passou a ser empregada pelo movimento feminista como uma maneira alternativa de designações aos indivíduos masculinos e femininos procurando tirar o determinismo baseado nos aspectos físicos e biológicos que há nos termos sexo e sexual, fazendo com que homens e mulheres sejam compreendidos de maneira relacionada e não mais de maneira binária.

Por meio do conceito de gênero, da assimilação da identidade masculina e feminina, expõe-se a diferença entre os indivíduos, pois é viável averiguar como cada um incorpora essa identidade através da aquisição de atributos dessas identidades. De acordo com a autora “Ninguém é 100% masculino ou feminino”. Isto permite a assimilação de gênero como componente da construção da identidade de cada um, identidades essas que são mutáveis, transformadas e construídas na atmosfera histórica, isto é, dependem do conjunto histórico para sua construção, não havendo uma identidade singular. (MORAES, 2005).

A identidade de gênero pode ser formada pela convicção de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, comportamentos e papéis tradicionalmente estabelecidos destinados a os machos e fêmeas. As identidades definem-se em termos relacionais e, enquanto categorias são capazes de salientar e relatar a experiência da sexualidade dos indivíduos. Na sociedade atual, as identidades se tornam ferramentas para reivindicação por veracidade e respeito. As identidades são históricas e culturalmente específicas, são respostas

políticas a determinadas conjunturas e compõem uma “estratégia das diferenças.” (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

Scott (1995) reafirma essa concepção de gênero que é compreendida como relações estabelecidas através da concepção social das diferenças biológicas entre os sexos. Essa percepção, por sua vez, está formada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição homóloga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado (BOURDIEU, 1999). Essas oposições são hierarquizadas, cabendo ao polo masculino e seus homólogos a preponderância do que é valorizado como positivo, superior. Essas oposições/hierarquizações são arbitrárias e historicamente construídas.

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas(...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 1999, p. 17).

Louro (1997) busca captar o gênero a cerca de formante da identidade das pessoas, todavia a perspectiva de identidade pode ser notada sobre muitas perspectivas, sendo que os sujeitos podem ter identidades múltiplas que se transformam, e a composição dessa identidade esta valida nos distintos grupos da sociedade, das instituições e das práticas sociais. Essas instâncias seriam, dessa forma, “gênerificadas”, pois se constroem por meio de das relações sociais, entre elas as de gêneros. Para a autora, gênero é trabalhado de forma heterossexual e a homofobia é uma mostra do medo da perda da identidade de gênero, ser um homem “feminino” ou uma mulher “masculina”.

Isto explica, pelo menos em parte, porque a vontade homossexual gera um pânico profundo nas pessoas. Para a mulher, a homossexualidade arrisca toda a sua feminilidade. Ser uma lésbica implica não ser uma mulher, ao menos não de modo apropriado. Mas essa situação muito menos a torna um homem. Sua identificação fica, dessa maneira, confusa ou, como diz Butler, “monstruosa”. Do mesmo modo, a homossexualidade representa para o homem uma ameaça à sua identidade de gênero. Seu maior medo é ser associado ao feminino e, assim, não ser mais um homem, nem tampouco transformar-se em uma mulher. (BUTLER, 1997, p. 136)

Segundo Woodward (2012), a diferença, enquanto fator necessário à construção da identidade, também é construída e entendida como uma proposta binária que classifica em bom e ruim, normal e anormal, certo e errado, eu e o outro. Logo, ela segrega e exclui, mas pode também unir e incluir como afirma a autora:

[...] a diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora. (WOODWARD, 2012, p. 50-51).

O gênero, para Butler (2003, p. 24), são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, do que, se “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos femininos ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos”. Nessa situação, o “o sujeito gendrado seria antes o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes” (ARÁN; PEIXOTO, 2007, p. 133). Com base nessas definições, Butler (2003) chega a afirmar que o gênero é ele próprio uma norma.

5.1 GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE

O principal problema que surge ao se tratar das ideias de sexo e gênero consiste em buscar definir que aspectos do comportamento masculino e feminino são naturais, ou biológicos, e quais os aspectos que são culturais. O comportamento das pessoas não pode ser sempre e facilmente examinado em duas categorias separadas e distintas, “natural” e “cultural”. O problema surge quando se quer saber precisamente quando o sexo acaba e o gênero inicia (BARNARD, 2003, p.108).

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. (NIETZSCHE, 2008, p. 27).

A primeira vez que se falou em "gênero" foi em 1968, com Robert Stoller, que a empregou procurando a diferenciação em relação ao "sexo". Naquele momento Stoller estava discutindo sobre o tratamento de pessoas consideradas "intersexos e transexuais". Tratava de intervenções cirúrgicas para adaptar a anatomia genital (considerada por ele como sexo) com sua identidade sexual escolhida (considerada como gênero). Para este autor, o "sentimento de ser mulher" e o "sentimento de ser homem", isto é, a identidade de gênero era mais significativa do que as características anatômicas. Neste caso, o "gênero" não coincidia com o

"sexo", pois pessoas com anatomia sexual feminina sentiam-se homens, e vice-versa (STOLCKE, 2004, p. 86).

Linda Nicholson (2000), lembra que separar sexo de gênero e apontar o primeiro como essencial para construção do segundo pode ser, uma forma de livrar-se do determinismo biológico, mas constitui-se, por sua vez, num "fundacionalismo biológico". Pois sobrepõe ao o biológico aquilo que a cultura estabelece como sendo próprio de homens e mulheres. Assim, o sexo deixa de ser pensado como o significante sobre o qual se constrói o significado.

A sexualidade não heterossexual, as identidades de gênero e identidades sexuais similamente resultam do andamento histórico que instaura significados a maneira de viver a sexualidade. A percepção de orientação sexual deve ser concebida no plural de modo a adotar a sua pluralidade na vida das pessoas. Para Sousa Filho (2009) as orientações sexuais compõem sensibilidades e expressões do desejo e do prazer que podem aparecer na vida de um sujeito de várias formas, sem que sejam fixas e inevitáveis. É necessário assimilar a vigência de um suposto cultural intenso que necessita de conexão entre o sexo do corpo (macho ou fêmea), a identidade e a orientação do desejo para o sexo oposto, isto é, machos devem desejar fêmeas e vice-versa. No entanto, “comportamento e identidade são componentes da orientação sexual que não caminham obrigatoriamente na mesma direção” (SIMÕES & FACCHINI, 2009, p. 31). As conexões entre desejo, atitude e o modo como às pessoas se percebem também são fruto das convenções, contingências e constrangimentos sociais.

“Esse é um processo constrangido e limitado desde seu início, uma vez que o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa. Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos “abjetos”-aqueles que escapam da norma.” (LOURO, 2013b, p. 45-46).

Assim, não é possível analisar com clareza as políticas da raça ou gênero uma vez que estas são pensadas como entidades biológicas em vez de construtos sociais. Da mesma forma a sexualidade não pode ser avaliada em termos políticos sempre que for concebida como uma ocorrência biológica ou uma expressão da psicologia individual. A sexualidade é tanto produto da atividade humana como o são os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, modelos de trabalho, tipos de recreação. A partir do momento em que o sexo for compreendido nos termos da interpretação social e entendimento histórico, uma política do sexo mais realista se torna possível. (RUBIN, 2015).

Para situar a relação social estabelecida por meio das diferenças de gênero, que são socialmente construídas, utiliza-se a fala de Scott (1998) citada por Madureira (2010) de que,

Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (...) (p. 115).

Na tentativa para entender os processos sócio históricos daquilo que mais tarde foi denominado como dominação masculina, a distinção entre gênero e a noção de sexo e o indagação da naturalidade da sequência sexo-gênero-sexualidade revelaram-se centrais para desmitificar perspectivas que, ao obscurecerem as considerações sociais, históricas e políticas das desigualdades cerca de homens e mulheres, servem como componente legitimador da heteronormatividade (BOURDIEU, 1999).

Ainda que a unidade não problematizada da percepção de mulheres seja constantemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no indivíduo feminista a partir da diferenciação entre sexo e gênero. Concebida originalmente com intenção de indagar a formulação de que a biologia é o caminho, a distinção entre sexo e gênero atende à questão de que, por mais que o sexo pareça intratável sobre termos biológicos, o gênero é a culturalmente construído: assim, não é nem o resultado causal do sexo nem tão aparentemente fixo quanto o sexo. Dessa maneira, a unidade do indivíduo já é potencialmente contestada pela distinção que abre lugar ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p. 26).

Se o sexo é uma categoria apoderada dentro de seu gênero, não faz sentido delimitar o gênero como a acepção cultural do sexo. O gênero não deve ser simplesmente compreendido como uma inscrição cultural de significados num sexo previamente dado (uma compreensão jurídica); tem de determinar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2003, p. 27)

Sexo e gênero estão na mesma ordem mimética, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. É nessa perspectiva que é necessário desconstruir os gêneros, pois assim desconstruímos os sexos ou o binarismo que acomoda gênero e sexo em corpos opostos. Suscitam-se dessa ruptura tão radical entre sexo gênero incertezas sobre ambos. Para Butler (2003, p. 25), sexo é construto e é tão culturalmente construído quanto o gênero: “a rigor,

talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Ou seja, a estabilidade interna da ordem preestabelecida e eficientemente assegurada entre o binarismo sexo/gênero só é possível pela ordem do discurso, fazendo com que nenhum nem outro seja neutro e tampouco o sexo seja anterior à cultura.

Com base nisso Butler (2003) não considera gênero como algo substancial, muito menos um conjunto de atributos flutuantes. Opondo-se à metafísica da substância, a autora afirma que a identidade é performativamente constituída, de modo que não existe uma identidade de gênero definidora de expressões de gênero, uma vez que estas a constituem.

Cabe aqui, contudo, trazer uma reflexão a respeito da autenticidade de um determinismo natural destinado a ideia de sexo e sobre a dicotomia polarizada entre sexo e gênero. Todas as definições apresentadas demonstram gênero como uma maneira de organização social dos sexos, através de uma aceção, variável em função de tempo e cultura, desses. Todavia, há que se questionar essa descontinuidade radical entre um dado que seria estruturalmente natural (sexo) e outro socialmente construído (gênero), certa vez que a própria concepção e entendimento de que existe um macho e uma fêmea na espécie humana – o próprio saber biológico formulado para esclarecer a natureza humana – é um dado culturalmente localizado. No momento em que contestamos essa característica rígida do sexo podemos chegar à dimensão que o sexo é tão cultural quanto o gênero. Judith Butler (2003, p. 34) provoca apontando que “a rigidez, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se impreterivelmente nenhuma”.

A autora ainda acrescenta que:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2003, p. 38).

Para Carla Rodrigues, Butler estaria indicando que o “sexo não é natural”, mas também “discursivo e cultural”, tal como o gênero (RODRIGUES, 2005). Isso significa, que Butler questionaria a suposta admissão do sexo como natural e a do gênero como determinado culturalmente, pois, se dessa maneira fosse, certa expressão da “essência do sujeito” poderia parecer claro, assim como certa “unidade metafísica” em busca de um “eu verdadeiro”. Desconstruindo tais pressupostos teóricos, Butler desmonta a visão de um sujeito unitário e abre novas perspectivas de análise acerca das teorias de gênero.

Segundo Butler, a dicotomia sexo/gênero (ou natureza/cultura) pressupõe uma distinção total entre o mundo interno e o externo que é insustentável. O sexo “natural” é a característica de um corpo cuja delimitação não é afrontada pelo contexto em que está inserido. O resultado disso é a preservação da coerência e da estabilidade de um sujeito cujo gênero é socialmente inteligível, ou seja, cujo gênero exprime a relação causal entre sexo, gênero e desejo por meio da proibição a determinadas condutas. Dito de outro modo: a dicotomia sexo-gênero garante estabilidade e universalidade à identidade de gênero, na medida em que assume a anatomia do corpo como seu fundamento absoluto (BUTLER, 2003, p. 33).

6 MODA (DES)CONSTRUÍDA (GÊNERO)

Jacques Derrida, citando Richard Miskolci (2009), conceitua o que seria desconstrução do gênero. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay. Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução. Assim desconstruir é deixar o jogo entre presença e ausência claro.

“O gênero é o mecanismo pelo quais as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER, 2003, p. 59).

Segundo Crane (2006, p. 43), a apreensão com a identidade pessoal é um modo de adaptação às atuais formas de desorganização social e cultural. Isto reflete tanto a moda escolhida e usada pelo sujeito, e a mesma moda que dará significados às peças escolhidas. Mostra-se que essa construção de identidade está em frequente alteração, porém tem uma única base: a adaptação ao gênero identificado, não ao biológico.

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (LOURO, 1997, p. 27).

Simmel (1971) aponta dois mecanismos essenciais da dinâmica com relação à moda: de um lado, o desejo de pertencimento pela imitação de certos comportamentos do grupo do qual se espera identificação; do outro, a vontade de ser diferente, por poder ser uma pessoa única. Nessa dinâmica percebe-se certo diálogo, pois aquelas pessoas às quais não é verificado o reconhecimento acabam obliteradas e vistas como excluídas por não atender às demandas. Ao “falhar” em reproduzir a aparência esperada do gênero que lhes foi atribuído, há um rompimento com esse gênero “original” – podendo, muito bem, simbolizar uma traição (ainda que inconsciente) ao presumido determinismo biológico.

Para Mara Rúbia Sant’anna, “a forma-moda [...] encontra-se expressada em todo o sistema cultural, no qual os bens simbólicos são composições de artifícios de encontro de si, no consumo de um modelo para todos” (SANT’ANNA, 2007, p. 92).

Deduz-se uma forma diferenciada de compreender a individualidade, cuja lógica de identidade é superada por uma lógica de identificação, ou seja, o sujeito deixa de ser analisado

como uma individualidade autônoma, que por si mesmo constrói uma identidade e passa a ser visto como individualidade heteronômica construída na relação com o outro, na visão que os outros fazem dele e no desejo que o move nesta identificada de si próprio (SANT'ANNA, 2009, p. 19). Neste panorama Santana (2002) diz que “o mundo hoje vive (e reivindica) uma existência do plural, do indivíduo múltiplo vagando e manipulando uma teia de identidades” (SANTANA, 2002, p. 89).

Assim, percebe-se cada vez mais uma sociedade na qual, a cada dia, os gêneros se misturam entre si, onde o gênero binário está transformando-se e reconstruindo-se. O indivíduo tem o livre arbítrio de vestir e utilizar o que o identifica e não obrigatoriamente o que lhe é imposto, acima de tudo no que concerne à imposição de vestimentas relacionada ao gênero sexual. Na contemporaneidade, não é mais possível fixar e determinar uma identidade de gênero apenas por uma primeira linguagem visual da moda.

É neste intuito que o consumo de itens de moda pelo público masculino desempenha seu mais significativo papel social. Abandona a ideia tradicional de necessidade e bases de divisão de classe social e funciona como uma ferramenta de mensuração para o estudo das práticas sociais e da construção das identidades de gênero. Dessa maneira, “a moda é o fenômeno que melhor demonstra esta capacidade e necessidade de mudanças da sociedade, que é refletida no processo de consumo” (MIRANDA, 2008, p. 17).

Ao revelar essas novas identidades e estilos de vida, a moda é um dos produtos da cultura que melhor podem espelhar essas transformações, pois seu caráter não-verbal e a criação de um quase imediato reconhecimento dessas novas identidades a transformam em um dos produtos da cultura privilegiados para construção de uma reflexão sobre esse tema. (GUIMARÃES, 2008, p. 7)

As performatividades são múltiplas e podem estar em maior ou menor concordância com o que se espera desses corpos. Aqui entramos no campo da subversão – para Bento (2006), “vestir-se é um dos atos performáticos mais carregados de significados para a construção das performances dos gêneros” (BENTO, 2006, p. 179). A moda como uma linguagem do corpo (CALANCA, 2011), pode ser palco de insubordinações às regras impostas – é dentro do dispositivo mesmo de controle que se encontram frestas para retificar preceitos que nos colocam como dados.

A moda, dessa maneira, deve estar engajada nesta modificação da cultura, como já o fez antes, impondo-se ao lado dos novos movimentos identitários contra a limitação dos corpos e transformando-se por meio das diferenças. Alongar seu caráter subversivo ao gênero é questionar e tencionar a própria lógica binária (homem-mulher, masculino-feminino, hetero-homo) e heteronormativa, ressignificar o objeto e se abrir às experiências subalternizadas

como veículo de transformação social, da mesma maneira que Miskolci (2012) coloca à educação.

7 ANÁLISE DO OBJETO

A partir da análise das respostas obtidas com os questionários, foram destacadas cinco categorias com vistas a expor e discutir assuntos relacionados à compreensão dos participantes sobre a influência da moda no processo de (des)construção de uma identidade de gênero no meio LGBT, que serão apresentadas através de quadros.

Visto a necessidade de caracterizar os participantes da pesquisa, apresenta-se o quadro 01 que contém os dados de identificação desses objetivando apresentar os participantes da pesquisa. Nele é possível observar a idade, sexo biológico, estado civil, escolaridade, profissão e orientação e/ou identidade sexual.

Quadro 01 – Dados de identificação.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO						
Entrevistado	Idade	Sexo	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Orientação e/ou Identidade sexual
E1	25	M	Solteiro	Ensino médio completo	Profissional do sexo	Travesti ¹
E2	19	F	Solteira	Ensino médio completo	Secretária	Bissexual ²
E3	29	M	Solteira	Superior completo	Modelo	Transexual ³
E4	18	M	Solteiro	Superior cursando	Estudante	Homossexual ⁴
E5	23	M	Solteiro	Superior cursando	Servidor público	Drag Queen ⁵
E6	35	F	Solteira	Pós-graduada	Advogada	Homossexual

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor, 2017.

¹ Termo utilizado para designar aqueles sujeitos que sentem e se comportam de acordo com seu sexo biológico, mas que para manter uma relação sexual satisfatória necessita usar uma peça da vestimenta ou a roupa inteira do sexo oposto.

² Termo utilizado para designar aqueles sujeitos que sentem desejos afetivos sexuais por pessoas de ambos os sexos.

³ Termo utilizado para designar aqueles sujeitos que nascem com um determinado sexo biológico, mas que se sentem pertencentes ao gênero oposto.

⁴ Termo utilizado para designar sujeitos que sentem desejos afeitos sexuais por pessoas do mesmo sexo.

⁵ Termo utilizado para designar aqueles sujeitos que estão em harmonia com seu sexo biológico se sentem e se percebem como o mesmo, e se vestem com roupas do sexo oposto para brincar com os papéis.

Como se observa no quadro 01, os participantes da pesquisa apresentam idades entre 25 e 35 anos, sendo quatro do sexo biológico masculino e dois do sexo biológico feminino. O nível de instrução oscilou entre ensino médio completo e pós-graduação.

A orientação e/ou identidade sexual dos participantes variaram entre travesti, bissexual, transexual, homossexual, *drag queen* e as profissões tiveram variáveis entre profissional do sexo, secretária, modelo, estudante, servidor público e advogada.

Após a identificação dos participantes da pesquisa buscou-se verificar qual o entendimento dos mesmos sobre o que é moda. O quadro 01 expõe os resultados encontrados.

Quadro 02 – O que os participantes entendem sobre moda.

Categoria	Descrição da categoria	Frequência
Expressão	Moda transcende o status industrial e o consumismo, se tornando a expressão de cada um.	3
Tendência de consumo	Moda são tendências lançadas para que as pessoas consumam.	2
História da humanidade.	A moda é a história da humanidade contada pela indumentária.	1
Transmitir algo.	É a forma que muitas pessoas encontram para transmitir algo.	1
Personalidade e coragem.	Moda é mais do que vestir, é ser, é personalidade e coragem.	1
Hábitos e influências a serem seguidas.	A moda pode ser entendida como os hábitos e as influências a serem seguidas.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor, 2017.

Verifica-se no Quadro 01, que os participantes quando questionados sobre o entendimento acerca da moda, mencionam com maior frequência a categoria “Expressão”. De acordo com Barnard (2003), a moda e as vestimentas são categorizadas como uma forma não verbal de se estabelecer comunicação a partir do momento que não se faz o uso de palavras escritas ou pronunciadas pela fala, essa comunicação acerca da compreensão dos participantes seria a moda além da moda e “se tornando a expressão de cada um”.

Podemos enfatizar ainda essa noção de expressão trazendo novamente Castilho (2004), quando diz que na moda e por ela, os indivíduos expõem suas formas de se posicionar na sociedade, ou seja, a moda é utilizada inúmeras vezes como a forma de expressão do sujeito em suas diferentes dimensões.

A categoria “Tendência de consumo” aparece com a segunda maior frequência, onde os participantes colocam que a moda é geradora de tendências a fim de promover o consumo. Miranda (2008) afirma que nada é duradouro, o que importa é o aqui e o agora. Os indivíduos

são ávidos por inovação, fato este que favorece o crescimento do consumo e do descarte de mercadorias. Os desencantos e conflitos do dia a dia são incorporados e o consumo surge como um meio de escape para esse sentimento de impotência. O ato de consumir mostra dessa forma também, uma busca de identidade e aceitação.

Por outro lado Crane (2006) corrobora dizendo que o vestuário se constitui como um dos modos mais nítidos de consumo, exercendo uma função da maior relevância na construção social da identidade. Nesta conjuntura, é possível assimilar o consumo como um “[...] processo cultural ativo” sendo que a posse de objetos reflete a personalidade de cada indivíduo, “[...] nós nos tornamos o que nós consumimos” (MIRANDA, 2008, p. 18).

Com menores frequências apareceram as categorias “História da humanidade”, “Transmitir algo”, “Personalidade e coragem” e “Hábitos e influencias a serem seguidas”. Barthes (2005) diz que se faz o vestuário como um componente concomitantemente histórico e sociológico, afinal, o vestuário é sempre implicitamente idealizado como o particular de uma significação geral que lhe é exterior, como a época, o país ou a classe social. Desta forma seria impossível isolar a história da moda da evolução da humanidade, pois a indumentária é e sempre será influenciada por valores da sociedade na qual está inserida.

De acordo Lipovetsky (1989) a vestimenta é uma das mais relevantes formas de comunicação visual, passando assim a ser um ampliador social existente na relação com o mundo, no qual as pessoas por meio da moda, de forma propositada ou não, conversam entre si manifestando o eu de cada indivíduo, dessa forma é possível se pressupor a moda como ferramenta de transmissão, interlocutando seu usuário.

Ainda é preciso se considerar conforme Garcia e Miranda (2005) a existência de grupos de influência que são relevantes elementos encarregados pela obtenção de novos modismos e hábitos de consumo, afinal, esses grupos atingem o comportamento e as atitudes, o que acaba levando à influência visual. O que pode ser visto na fala do participante E6:

“A moda pode ser entendida como os hábitos e as influencias a serem seguidas dentro de um determinado grupo onde o sujeito se sente pertencente.” (E6).

Sendo assim, é importante considerar que quando se fala de moda, está se falando de influencias - sociais, culturais, grupais ou familiares -, porém, deve-se considerar que indiferente do contexto onde a mesma se aplica a moda estará presente na construção do sujeito ao qual se destina.

Além de compreender o que os participantes entendem por moda, procurou-se também identificar qual a compreensão dos mesmos sobre o que é identidade de gênero. Os

dados obtidos estão expostos no quadro 02 que decorre sobre o entendimento dos participantes sobre identidade de gênero.

Quadro 03 – O que os participantes entendem sobre identidade de gênero

Categoria	Descrição da categoria	Frequência
Identificação	É a forma como o ser se identifica e este pode ou não estar em concordância com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento.	5
Decorre sobre o assunto de forma explicativa	Participantes decorrem sobre o assunto sem atribuir um entendimento específico ou uma definição concreta sobre a identidade de gênero.	3
Não tem haver com sexo	Identidade de gênero não tem a ver com sexo.	1
Livre arbítrio	A identidade de gênero seria o livre arbítrio do sujeito.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor, 2017.

Verifica-se no quadro 02, que os participantes quando questionados sobre o entendimento acerca da identidade de gênero, mencionam com maior frequência a categoria “Identificação”, afirmando que a identidade de gênero é a forma como o ser se identifica e este pode ou não estar em concordância com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

Referente à colocação dos participantes e a atribuição social da identidade de gênero Butler (2003) diz que a partir do procedimento da ultrassonografia, transformam-se as subversões do desejo do bebê antes mesmo de nascer em ele ou ela, sendo assim, a denominação do sexo é um ato performativo de dominação e coerção que estabelece uma realidade social por meio da construção de uma consciência tanto de corpo como de comportamento.

A categoria “Livre arbítrio”, descrita como a identidade de gênero seria o livre arbítrio do sujeito, é justificava por Moraes (2005) quando o mesmo coloca em seus achados que através da explicação, por meio do conceito de gênero, da assimilação da identidade masculina e feminina, expõe-se a diferença entre os indivíduos, pois é viável averiguar como cada um incorpora essa identidade através da aquisição de atributos dessas identidades.

A autora ainda completa “Ninguém é 100% masculino ou feminino”, isso permite a assimilação de gênero como componente da construção da identidade de cada um, identidades essas que são mutáveis, transformadas e construídas na atmosfera histórica, isto é, dependem do conjunto histórico para sua construção, não havendo uma identidade singular.

Com menor frequência aparecem as categorias “Não tem haver com sexo” e “Livre arbítrio”. Parafraseando as considerações do E5, pode-se perceber a falta amplitude sobre o assunto em questão, conforme transcreve-se abaixo:

“Identidade de gênero não tem a ver com sexo.” (E5).

Para Butler (2003), o sexo é construto e é tão culturalmente construído quanto o gênero, a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma, em outras palavras, a estabilidade interna da ordem preestabelecida e eficientemente assegurada entre o binarismo sexo/gênero só é possível pela ordem do discurso, fazendo com que nenhum nem outro seja neutro e tampouco o sexo seja anterior à cultura.

Deve-se considerar que as respostas obtidas nesta categoria podem estar associadas a área do conhecimento dos sujeitos de pesquisa, visto que nenhum deles estuda o comportamento humano ou sexualidade propriamente dita. O fato de pertencer ao meio LGBT não é sinônimo de conhecer as variáveis científicas e as terminologias aplicáveis ao meio, fazendo-se necessário maiores considerações metodológicas frente ao assunto.

Além de identificar a compreensão dos participantes sobre identidade de gênero, tentou-se identificar na percepção dos participantes se a moda pode ser utilizada como ferramenta de comunicação. Os dados obtidos estão expostos no quadro 03 que decorre sobre a moda como ferramenta de comunicação.

Tabela 04 – Para os participantes a moda pode ser usada como uma ferramenta de comunicação.

Categoria	Descrição da categoria	Frequência
Expressão do ser	As roupas são como a tinta e a tela para o artista, uma forma de externalizar aquilo que está dentro de nós.	3
Exteriorização do ser	A moda é expressão e essa é diária.	2
Comunicação	Serve de comunicação para que as pessoas demonstrem através da sua roupa, o que está sentindo.	2
Transposição da essência	Podemos transpor nossa essência no vestir-se.	1
Enfatizar desejos	Enfatizar nossos desejos perante a sociedade.	1
Personalidade	Mostrar sua personalidade.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor, 2017.

Verifica-se no Quadro 03, que os participantes quando questionados sobre a utilização da moda como uma ferramenta de comunicação com maior frequência aparece a categoria “Expressão do ser”. Para os participantes as roupas são como a tinta e a tela para o artista,

uma forma de externalizar aquilo que está dentro de nós. Leenhardt, apud Sant’Anna (2007) diz, o que irá motivar o indivíduo a se vestir será sua preocupação em ser ele próprio, firmando esta posição para o mundo, ou seja, a principal variável que será levada em consideração quando o sujeito procura se expressar por meio de suas vestimentas, são os seus desejos e as suas vontades.

Com a segunda maior frequência têm-se as categorias “Exteriorização do ser” e “É comunicação”. Barnard (1958) aponta em seus achados que a roupa seria o canal, pelo qual um indivíduo envia certa mensagem à outro com a finalidade de fazer certa modificação para quem está vendo. Sendo assim, a mensagem é a transmissão de um pensar, ou desejo, e é isso que é comunicado pela roupa no processo de transmissão, o importante na compreensão deste processo é que a intenção do remetente, e comunicada por meio da aptidão do processo transmissão, e o resultado em quem recebe.

Neste contexto SANT’ANNA (2007, p. 75) corrobora dizendo que “As roupas, por serem signos que carregam em si uma série de significados [...] imprimem ao seu portador uma escolha diária de posicionamento no conjunto maior das teias de significados compostos como a cultura”.

Transposição da essência, é como se as peças de roupas tivessem significados e estes seriam então combinados pelo usuário num conjunto, nessa perspectiva parece certo atestar que uma pessoa envia mensagens em relação a si mesma com os estilos e roupas que usa Barnard (2003). Nessa perspectiva do autor incluíse também a categoria personalidade, uma vez que o indivíduo pode transpor a mesma no envio destas “mensagens”.

Outra questão que emergiu dentre os objetivos da pesquisa diz respeito à contribuição da moda no processo de (des)construção de identidade de gênero, sendo assim, apresenta-se abaixo o quadro 04 que decorre sobre essa questão.

Quadro 05: De que forma a moda contribui para processo de desconstrução e/ou construção de uma identidade de gênero. **(Continua)**

Categoria	Descrição da categoria	Frequência
Exteriorização do desejo	As vestimentas, a moda, são artigos que podem lucidar o que estamos sentindo ou o que queremos por para fora.	3
Emponderamento	A moda pode ser usada como forma de emponderamento.	3
Construção de um ser completo	Pode desconstruir um padrão social e construir um novo no qual o ser se plenifica.	2

(Continuação)

Desconstrução de paradigmas	Vivemos num mundo construído de paradigmas e a moda pode ser uma das ferramentas para de desconstruir isso.	2
Pré-determinação de roupas	Hoje em dia ainda existe muito o conceito do que são roupas para determinado gênero.	1
Necessidade	Necessidades dos indivíduos.	1
Contribuição na desconstrução	A Moda pode sim e contribui para o processo de desconstrução de gênero.	1
Moda a seu favor	A partir do momento em que o usuário usa a moda ao seu favor, ao seu sentir bem.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor, 2017.

Verifica-se no quadro 04 que os participantes quando questionados sobre a possibilidade da moda contribuir no processo de (des)construção de uma identidade de gênero, os participantes respondem com maior frequência à categoria “Exteriorização de um desejo”.

Segundo Castilho (2004) o guarda-roupa tal como um vocabulário pessoal da linguagem das roupas, que oferece ao indivíduo elementos de construção, desta forma, o armário seria um paradigma, certa vez que dentro dele podem-se obter diferentes elementos que compõem e convergem para certa expressão subjetiva, sendo assim, as vestimentas, a moda, as roupas em si, são artigos que podem lucidar o que estamos sentindo ou o que queremos por pra fora.

Se tratando da categoria “Construção de um ser complexo” é necessário supracitar Mesquita (2007) apontando que a moda e o vestuário figuram de um universo que corroboram no constructo de cada ser, dessa forma passam a possuir um papel de extrema importância no processo de construção do sujeito, este individual, pessoal e particular, mas que, ao mesmo tempo, é de importância para as relações com o outro dentro dos meios sociais.

Se tratando da categoria “Desconstrução de paradigmas”, os participantes apontam que vivemos num mundo construído de paradigmas, pré-conceitos. De acordo com Bourdieu (1999) a procura por uma coesão que explique precisamente o gênero, nada mais é do que uma rigidez inventada para saciar uma estrutura de poder.

Desta maneira, quanto mais alimentamos ideologias que pregam a hegemonia situada entre o homem e a mulher, mais estamos fornecendo elementos para a difusão do preconceito e do imaginário meramente patriarcal. Quanto mais analisamos a nossa condição biológica no mundo sob uma ótica da experiência e da identidade, mais estamos nos tornando (nosso) corpo e menos somos projeção de um corpo arquétipo e imaginário. Nesse contexto podemos

elucidar também a categoria “Necessidades”, onde se tornando (nosso) corpo e menos o consciente imaginário deixamos essas necessidades quanto indivíduo de lado.

Na categoria “Roupas pré-determinadas” os participante colocam que hoje em dia ainda existe muito o conceito do que são roupas para determinado gênero. Corroborando com essa ideia CALANCA (2011) diz que desde seu princípio como o fenômeno ao qual nos referimos atualmente, a moda apresenta e representa discursos indumentários alinhados aos princípios morais, culturais e políticos de sua época. As roupas, tal como pondera a autora, e “os artigos com os quais cobrimos o corpo são os modelos pelas quais os corpos entram em relação entre si e com o mundo exterior”. (CALANCA, 2011, p. 17).

Desta forma podemos observar que nos dias atuais os discursos moralistas ainda tem forte presença social, o que reflete na maneira como o sujeito ira se portar, na moda a linha distintiva entre gêneros acaba se mantendo presente ainda presente também.

A categoria “Moda a seu favor”, vai de encontros aos achados de Mesquita (2007), visto que a imprecisão da moda reside a respeito de o modo com que se projeta a padronização do vestir e, ao mesmo tempo, agentes de diferenciação e ferramentas de individuação. Possibilita ao indivíduo a apropriação de códigos, em benefício da composição de sua subjetividade, em seu proveito, com isso o individuo pode usar dos artifícios da moda para romper padrões e assim usar “a moda ao seu favor, ao seu sentir bem”.

Para Castilho (2004) a possibilidade de construção e elaboração do discurso do corpo por intermédio do uso de trajes e acessórios entende-se como uma operação manipuladora individual pela qual cada sujeito construirá a relação pessoal e de identitária de seu corpo, justificando a categoria “Contribuição na desconstrução”.

Questionou-se os participantes sobre fazer o uso da vestimenta para exteriorizar sua identidade de gênero. O quadro 05 apresenta as categorias geradas por meio das respostas dos participantes em relação à questão.

Quadro 06: De que forma a vestimenta é utilizada para exteriorizar sua identidade de gênero.

(Continua)

Categoria	Descrição da categoria	Frequência
Exteriorização da identidade de gênero	Uso das vestimentas para traspor meu outro gênero aflorado (feminino).	2
Não utilizo	Não utilizo da moda para exteriorizar minha identidade de gênero.	2
Vestimentas enfatizando a essência	A moda se fez muito importante, já que meu corpo não transpassava minha essência, as vestimentas o faziam.	2
Inconsciente	Sim, mas creio que seja algo inconsciente.	1

(continuação)

Criação de uma identidade	A pessoa vai criando sua identidade a partir dos seus gostos, de como se sente bem.	1
---------------------------	---	---

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor, 2017.

Verifica-se no quadro 05, que os participantes quando questionados sobre o uso da vestimenta como meio de exteriorizar sua identidade de gênero. A partir disto analisa-se em primeira instancia a categoria “Exteriorização da identidade”. Castilho (2004) coloca que o ato de revestir o corpo com vestimentas, de adotar certa moda, é aderir figurativamente um parecer que declara ao outros elementos acerca da identidade do indivíduo. Esse parecer é também denominado como Estilo Pessoal, aquele que faz a pessoa ser “única”, e representa a forma de pensar, viver e comportar-se de um indivíduo, por meio de um conjunto de elementos característicos de sua aparência. Nesta concepção do autor podemos também elucidar a categoria “Vestimentas enfatizando a essência” onde um dos participantes faz a colocação que “A moda se fez muito importante, já que meu corpo não transpassava minha essência, as vestimentas o faziam”.

Parafraseando Louro (1997) corroboram-se essas afirmações onde o mesmo diz que não há uma identidade heterossexual pronta, acabada, de um lado, esperando destinado a ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual irregular, que precisa se virar sozinha. Qualquer identidade é uma construção irregular, efêmera e volátil, uma referência social contraditória e não finalizada, a final se o mundo vive em constante mudança os seres que o habitam acompanham o mesmo processo.

Com menores frequências apresentam-se as categorias “Inconsciente” e “Criação de uma identidade”.

A categoria “Inconsciente” é definida pelos participantes como sim, mas creio que seja algo inconsciente. Barnard (1958) nos traz um esclarecimento mais específico a respeito desta categoria, dizendo que a escolha da vestimenta não é uma ação sem sentido, pelo contrário as pessoas podem não notar, mas ao escolher que roupa irá utilizar, está se comunicando com a sociedade. Essa escolha parte diversas vezes por meio de influência da mídia, e estabelece certa rede de relacionamento.

Na categoria “Criação de uma identidade”, SANT’ANNA (2007) contribui dizendo que é a moda que estimula que as pessoas, ou sujeitos-moda, utilizem a aparência tal como local de investimento e composição do eu social. O processo de composição e distinção social, mais do que uma lógica de distinção entre classes, funciona como processo de

construção identitária. A aparência torna capaz ser e existir, numa sociedade na qual impera o mito da imagem, sendo assim de acordo com a interpretação dos participantes “A pessoa vai criando sua identidade a partir dos seus gostos, de como se sente bem”.

Diante dos enquadramentos de todas as respostas obtidas através dos participantes da pesquisa, é possível afirmar que existe um desconhecimento, na maioria dos casos, da relação entre moda e identidade de gênero, a sua correlação e seus impactos na vida do sujeito e no meio social. Talvez, não seja exatamente um desconhecimento, mas, uma negligência ou um desconforto em lidar com fenômenos ainda considerados tabus e invisíveis o que gera falta de conhecimento para diferentes meios.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou em seus achados que o entendimento dos participantes sobre moda corrobora com o que é apontado pela literatura. A maioria dos entrevistados discorreu sobre a moda apontando seus principais pressupostos e evidenciando suas principais influências na história, na sociedade e no emponderamento do sujeito propriamente dito.

Por outro lado, a pesquisa identificou que o entendimento dos participantes sobre identidade de gênero é superficial. A maioria dos entrevistados discorreu mais sobre aspectos de identidade do sujeito ou falou sobre o assunto de forma explicativa fazendo rodeios, trazendo pontuações e mencionando exemplos sobre o assunto que se associam com a literatura de forma parcial.

Com base na análise das respostas dos entrevistados, foi possível identificar que a moda é utilizada como instrumento de expressão. Essa constatação pode ser justificada devido as pontuações dos participantes sobre a utilização da moda enquanto ferramenta de comunicação, o que a torna uma matéria excepcional não só no ato de vestir-se propriamente dita, como também, no ato de transmitir elementos e atuar em processos comunicacionais.

Além disso, pode-se identificar que a moda pode contribuir para o processo de (des)construção de uma identidade de gênero do grupo pesquisada, demonstrando poder, capacidade e idoneidade do processo de expressão de um sujeito por meio de sua vestimenta, comprovando a importância da moda não só no processo criativo e comercial, como também, na subjetividade dos sujeitos que adotam a mesma como forma ser e se expressar, inclusive na construção de sua identidade de gênero.

A análise das respostas dos entrevistados, evidenciou que é possível utilizar a roupa como forma de exteriorização da identidade de gênero, entretanto, é necessário compreender que tal circunstância dependerá do sujeito, sua história e seu meio. Essa constatação pode ser justificada devido dualidade de respostas advindas dos participantes, o que se torna necessário é compreender que a moda e, em alguns casos, a roupa é a exteriorização do verdadeiro eu do sujeito e da sua história. Diante disso, pode-se afirmar que a moda é uma ferramenta acentuada para o processo de expressão da identidade de gênero de cada sujeito.

As evidências apontam que moda e identidade de gênero são variáveis que se associam entre si, por esse motivo, são temas importantes de se discutir e de correlacionar, pois, trata-se de situações cotidianas que em muitos casos passam despercebidas, entretanto,

dizem muito do sujeito o qual se apropria das mesmas e do meio social o qual esse está inserido. Nesse sentido, ainda é preciso desenvolver pesquisas sobre o tema e se apropriar dos estudos existentes para se aprofundar e desenvolver estratégias que possibilitem a correlação entre as variáveis e a cultura do respeito pela moda e pela identidade de gênero.

A necessidade de novos estudos envolvendo a moda e a identidade de gênero ficou evidente, por esse motivo espera-se que, através dos resultados encontrados consiga-se dar vazão ao desenvolvimento de novas pesquisas, que procurem compreender essa temática na perspectiva de mulheres, negros, deficientes físicos, imigrantes e outros sujeitos que fogem dos padrões e dos rótulos comerciais vendidos pela mídia e pela cultura.

Frente aos resultados dessa pesquisa fica a ideia de que, a temática relacionada a moda e a identidade de gênero deve continuar sendo explorada, para que seja prontamente reconhecida a fim de promover um maior conhecimento para área e uma maior desmistificação do que diz respeito a moda e suas aplicabilidade para a vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia; PEIXOTO JR., Carlos Augusto. Subversões do desejo: gênero e subjetividade em Judith Butler. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, Jan./Jun. 2007.
- BARNARD, Malcolm. MODA E COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BERGAMASCHI, Eliana. 70 vintage primavera e verão. Disponível em: <// <https://br.pinterest.com/pin/289637819768443687/> >. Acesso em: 16 set.2017.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- BORGES, JP. 70 vintage. Disponível em: <:// <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/> >. Acesso em: 18 set.2017.
- BUTLER, Judith. Gender trouble. Feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.
- Butler, J. The Phychic Life of Power. Theories in Subjection. Standford, CA: Standford University Press, 1997.
- BUTLER, Judith. “Sex and Gender in Beauvoir’s Second Sex”. In: Yale French Studies, Simone de Beauvoir: Witness to a Century, nº 72, Winter 1986.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 236p. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- CALANCA, Daniela. HISTORIA SOCIAL DA MODA. Ed. 2. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- CALDAS, D. (1997). Homens. São Paulo: Editora SENAC São Paulo/ Garcia, W. (2005). Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. / Hollander, A. (1996). O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco.
- CASTILHO, Kathia. MODA E LINGUAGEM. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- CANHA, Junior. Por que rosa é cor de menina, e azul não?. Disponível em: <// Disponível em: <http://design.blog.br/design-grafico/lendas-de-6-cores/> >. Acesso em: 19 set.2017.
- COSTA, A.; Cenas se Meninas e Meninos no Cotidiano Institucional da Educação Infantil: Um Estudo Sobre Relações de Gênero – Florianópolis. 2004.
- CRANE, Diana. A MODA E SEU PAPEL SOCIAL: classe, gênero e identidade das roupas. Ed. 2. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- Dutra, J. L. “ONDE VOCÊ COMPROU ESTA ROUPA TEM PARA HOMEM?”: a construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: Goldenberg, M. (Org.).

Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FOGG, Marnie. TUDO SOBRE MODA. Tradução pro Débora Chaves, Fernanda Abreu, Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias. n.21, Porto Alegre, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. Aurora. São Paulo: Escala, 2008.

GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. MODA É COMUNICAÇÃO. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Marcos Ferreira. ROUPA DE VER DEUS: Cotidiano e Vestimenta em Salvador (1958-1968).
Disponível em: http://www.ppghis.uneb.br/_dissertacoes/marcos_ferreira_goncalves.pdf.
Acesso em 17 de junho de 2017.

HOLLANDER, Anne. O SEXO E AS ROUPAS: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

JESUS, Beto de et. al. Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. São Paulo: Ecos, Corsa, 2006.

LAKATOS, EVA MARIA; MARCONI, MARINA DE ANDRADE. FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA. 5. ED. SÃO PAULO: ATLAS, 2003.

LAVER, James. A ROUPA E A MODA: uma historia concisa. Ed.14. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. O IMPÉRIO DO EFÊMERO: A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOPES, L. P. DA M.. Discurso de identidades. São Paulo: Mercado letras, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer, Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, G. L. A Construção Escolar das Diferenças – In: LOURO, G. L.; Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva Pós-Estruturalista. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1997. p. 57 – 87.

Madureira, A. F. do A. Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. In: Galinkin, A.; Santos, C. (Orgs.). Gênero e Psicologia Social: interfaces. Brasília: TechnoPolitik, p. 31-63, 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia

científica. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAGGOT, Stephane. Século XIX. Disponível em:
<<https://br.pinterest.com/pin/344947652679125137/>>. Acesso em: 16 set.2017.

MCMANUS, Barbara. Roman clothing. Disponível em:
<<http://www.vroma.org/~bmcmanus/clothing.html>>. Acesso em: 15 set.2017.

MESQUITA, Cristiane. MODA CONTEMPORÂNEA: quatro ou cinco conexões possíveis. Ed.2. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

MIRANDA, Ana Paula de. Consumo de Moda: a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras, 2008.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MORAES, E. L.; Relação Gênero e Raça na Política Pública de Qualificação Social e Profissional. – Construindo Identidades Sociais. V. 1; Brasília: MTE. SPPE. DEQ. 2005.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.2, Florianópolis, 2000, p.9-41.

NOGUEIRA, Conceição. Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, C. Ana; CASTILHO, Kathia. CORPO E MODA: por uma compreensão do contemporâneo. Ed. 3. São Paulo: Estação das letras e cores, 2015.

PALOMINO, Erika. A MODA. Ed. 2. São Paulo: Publifolha, 2003.

Sant'Anna, M. R. TEORIA DE MODA: sociedade, imagem e consumo. Barueri: Estação das Letras Editora, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry, et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas S. A., 2008.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. *Revista de Estudos Feministas*. v.13 no. 1 Florianópolis Jan./Apr. 2005.

SANT'ANNA, M. R. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. Barueri: Estação das Letras Editora, 2007.

SANT'ANNA Patrícia. Revistas de moda: masculinidade e ambigüidade nos anos noventa. In: WAJNMAN, Solange e ALMEIDA, Adilson José (orgs.) Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico. São Paulo: Arte e Ciência; NIDEM – Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Moda / UNIP; FAPESP, 2002.

SCOTT, Joan W. Gender and politics of history. New York: Columbia University Press, 1988.

SIMMEL, George. Fashion. In: _____. On individuality and social forms. Chicago: The University of Chicago Press, 1971. Cap. 19, p. 294-323

SIMÕES, Júlio & FACHINNI, Regina. Paradoxos da Identidade, In:_____ Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT, 2009.

SOUSA FILHO, A. A política do conceito: subversiva ou conservadora? Crítica à essencialização do conceito de orientação sexual In: Bagoas, n. 04, 2009, p. 59-77.) (SIMÕES, Júlio & FACHINNI, Regina. Paradoxos da Identidade, In:_____ Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT, 2009.

SOUZA, João . Roupas dos anos 80 e 90 que você já usou. Disponível em: <://
http://moda.terra.com.br/roupas-dos-anos-80-e-90-que-voce-ja-usou,
4713cc73bc74e5d87cfa1d8a8a6ea2626r8lRCRD.html / >. Acesso em: 18 set.2017.

STOLLER, Robert J. **Sex and gender**. New York: Science House, 1968, apud STOLCKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. *Revista Estudos Feministas*, v.12, n.2, 2004, p.86; e MORAES, Maria Lygia Quartim. **Usos e limites da categoria gênero**. Cadernos Pagu, n.11, p.99-105, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 11 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. p. 7- 72.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.:

REDGEN, Mike. Victorian, Edwardian, Chaps & Dandy's. Disponível em:
<://br.pinterest.com/pin/428123508297262753/ >. Acesso em: 16 set.2017.

RIBEIRO, Erica. A desconstrução da identidade de gênero na moda.
http://entrelinhablog.com.br/a-desconstrucao-da-identidade-de-genero-na-moda/. Acesso em: 15/09/2017.

RUBIN, Gayle. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Disponível em
https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?sequence=1 Acesso em: 15/09/ 2017.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

APRESENTAÇÃO

Este questionário é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) produzido pelo acadêmico Bruno Raphael Saul que tem por objetivo analisar a influência da moda no processo de (des)construção de uma identidade de gênero no meio LGBT.

- O questionário é composto por cinco perguntas;
- Os participantes não serão identificados ao longo do trabalho;

() ACEITO responder ao questionário abaixo apresentado.

() NÃO ACEITO responder ao questionário abaixo apresentado.

Assinatura

Nome:

Idade:

Sexo biológico:

Orientação e/ou Identidade sexual:

Escolaridade:

Profissão:

1) Para você o que é moda?

2) O que você entende por identidade de gênero?

3) Para você a moda pode ser usada como uma ferramenta de comunicação? Se sim, de que forma ela é utilizada?

4) A moda pode contribuir no processo de desconstrução e/ou construção de uma identidade de gênero? Justifique.

5) As vestimentas que você utiliza exteriorizam sua identidade de gênero? Se sim, ao se vestir você tem a intenção de mostrar sua identidade de gênero?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
cep.contato@unisul.br, TELEFONE (48) 3279-1013

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que têm como título **“IDENTIDADE DE GÊNERO: A (DES)CONSTRUÇÃO EM RELAÇÃO À MODA”**. Tal pesquisa objetiva analisar a influência da moda no processo de (de)construção de uma identidade de gênero no meio LGBT.

Esta pesquisa será realizada, em forma de questionário. A priori, o pesquisador fará a transcrição fiel das respostas dos questionários, para posteriormente fazer a análise de dados.

O risco previsto se baseia em um possível desconforto do (a) participante ao responder questões relacionadas a sua orientação sexual. No entanto, se você como participante se sentir desconfortável é importante que comunique ao pesquisador para que esse possa auxiliá-lo (a).

Você poderá quando quiser pedir informações sobre a pesquisa aos pesquisadores e esse pedido pode ser feito pessoalmente, por telefone ou e-mail, a partir dos contatos disponíveis no final desse documento.

Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada em momento algum. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação com letras e números. Dessa forma, os dados que você fornecer serão mantidos em sigilo quando publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos, fazendo com que a sua identidade seja sempre preservada.

É importante salientar que a sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar da pesquisa.

Eu, abaixo assinado e identificado, concordo em participar da pesquisa como sujeito. Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador **Bruno Raphael Saul** sobre o tema, objetivos, maneira como será desenvolvida, benefícios e possíveis riscos decorrente de minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento até o período de novembro/2017, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Participante:

RG ou CPF:

Assinatura:

Outros Pesquisadores: **Bruno Raphael Saul**

Telefone para contato: (48) 9806-2130

E-mail: brssaul@hotmail.com

Tubarão, ____ de _____ de 2017.

APÊNDICE C – PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO E RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

CATEGORIA DE ANÁLISE I – O QUE OS PARTICIPANTES ENTENDEM POR MODA			
RESPOSTA DOS PARTICIPANTES	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	CATEGORIA FINAL	OBSERVAÇÕES OU CATEGORIA FINAL
Moda como o próprio nome já diz é modo, maneira, forma de se expressar. (E1)	Moda como o próprio nome já diz é modo, maneira, forma de se expressar. (E1)	Expressão.	Moda transcende o status industrial e o consumismo, é expressão. (E1, E2, E3) FREQUENCIA: 3.
O que tu usa pra se expressar. (E2)	O que tu usa pra se expressar. (E2)	Transmitir algo.	
Moda transcende o status industrial e o consumismo, é expressão, forma de transmitir algo, a moda é a história da humanidade contada pela indumentária. (E3)	Moda transcende o status industrial e o consumismo, é expressão. (E3)	História da humanidade.	
Moda é mais do que vestir, é ser, é personalidade e coragem. (E4)	Moda é mais do que vestir, é ser, é personalidade e coragem. (E4)	Personalidade e coragem.	Moda são tendências lançadas para que as pessoas consumam. (E5, E6). FREQUENCIA: 2.
Moda são tendências lançadas para que as pessoas comprem, se vistam diferentemente. É um mercado inovador e consumista onde faz as pessoas quererem utilizar as “novas tendências”. (E5)	Forma de transmitir algo. (E3)	Tendência de consumo.	
Moda é uma tendência de consumo, é hábitos e influências a serem seguidas. (E6)	A moda é a história da humanidade contada pela indumentária. (E3)	Hábitos e influências.	A moda é a história da humanidade contada pela indumentária. (E3) FREQUENCIA: 1.
	Moda é mais do que vestir, é ser, é personalidade e coragem. (E4)		Moda é mais do que vestir, é ser, é personalidade e coragem. (E4) FREQUENCIA: 1.
	Moda são tendências lançadas para que as pessoas comprem. (E5)		É a forma que muitas pessoas encontra para transmitir algo. (E3) FREQUENCIA: 1.
	Moda é uma tendência de consumo. (E6)		A moda pode ser entendida como os hábitos e as influências a serem seguidas. (E6) FREQUENCIA: 1.
	É hábitos e influências a serem seguidas. (E6)		

CATEGORIA DE ANÁLISE II – O QUE OS PARTICIPANTES ENTENDEM POR IDENTIDADE DE GÊNERO			
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	CATEGORIA FINAL	OBSERVAÇÕES OU CATEGORIA FINAL
Seria como você se enxerga, a qual gênero se identifica fazendo parte. (E1)	Gênero se identifica fazendo parte. (E1).	Identificação. (5)	Seria como você se enxerga, a qual gênero se identifica fazendo parte. (E1, E2, E3, E4 e E5) FREQUÊNCIA: 5.
Como você se identifica quem você é. (E2)	Como você se identifica quem você é. (E2).	Não tem haver com sexualidade. (1)	FREQUÊNCIA: 5.
É a forma como o ser se identifica (E3)	É a forma como o ser se identifica (E3).	Livre Arbítrio. (1)	Decorre sobre o assunto de forma explicativa. (E4, E5 e E6) FREQUÊNCIA: 3.
É a forma como o ser se identifica e este pode ou não estar em “concordância” com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. (E3)	Entendo com, gênero com o qual uma pessoa se identifica (E4).	Decorre sobre o assunto de forma explicativa. (3)	Identidade de gênero não tem a ver com sexualidade. (E5) FREQUÊNCIA: 1.
Entendo como, gênero com o qual uma pessoa se identifica que <u>pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento.</u> (E4)	Identidade de gênero é como o sujeito se sente. (E5)		Logo a identidade de gênero seria esse livre arbítrio. (E6)
Então, identidade de gênero não tem a ver com sexualidade. Identidade de gênero é como o sujeito se sente. <u>Ele pode ser homem e ter uma identidade feminina, ou ainda pode ser homem e ter uma outra identidade masculina. Então posso afirmar que tenho corpo masculino, com identidade masculina e uma outra identidade que habita um corpo masculino, mas é</u>	Logo a identidade de gênero seria esse livre arbítrio. (E6)		
	Pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. (E4)		
	Ele pode ser homem e ter uma identidade feminina, ou ainda pode ser homem e ter uma outra identidade masculina. Então posso afirmar que tenho corpo masculino, com identidade masculina e uma outra identidade que habita um corpo masculino, mas é feminino. (E5)		
	Nascemos rotulados		

feminino. (E5)	homem ou mulher, nisso onde o desejo do indivíduo fica? (E6)		
<u>Nascemos rotulados homem ou mulher, nisso onde o desejo do indivíduo fica?</u> Logo a identidade de gênero seria esse livre arbítrio. (E6)			

CATEGORIA DE ANÁLISE III – PARA OS PARTICIPANTES A MODA PODE SER USADA COMO UMA FERREMENTA DE COMUNICAÇÃO			
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	CATEGORIA FINAL	OBSERVAÇÕES OU CATEGORIA FINAL
Sim sem dúvidas, a moda é expressão e essa é diária, refletindo e exteriorizando o estado de espírito do ser. (E1)	A moda é expressão e essa é diária. (E1)	Expressão do ser. (2)	As roupas são como a tinta e a tela para o artista, uma forma de externalizar aquilo que está dentro de nós. (E1, E2 e E5) Frequência: 3
Sim, pois ela exterioriza o ser. (E2)	Refletindo e exteriorizando o estado de espírito do ser. (E1)	Exteriorização do ser. (3)	
	Sim, pois ela exterioriza o ser. (E2)	É comunicação. (2)	
	Ela é uma ferramenta de comunicação. (E3)	Transposição da essência. (1)	A moda é expressão e essa é diária. (E1 e E6) Frequência: 2
Sim, a moda não só pode ser usada como ela é uma ferramenta de comunicação, podemos transpor nossa essência no vestir-se e assim enfatizar nossos desejos perante a sociedade. (E3)	Podemos transpor nossa essência no vestir-se. (E3)	Enfatizar nossos desejos. (1)	Serve de comunicação para que as pessoas demonstrem através da sua roupa, o que está sentindo. (E3 e E5) Frequência: 2
	Enfatizar nossos desejos perante a sociedade. (E3)	Personalidade. (1)	
	Mostrar sua personalidade. (E4)		Podemos transpor nossa essência no vestir-se. (E3) Frequência: 1
Sim, o modo de vestir-se é a primeira impressão que fica antes mesmo de qualquer diálogo e mostrar sua personalidade. (E4)	Serve de comunicação para que as pessoas demonstrem através da sua roupa, o que está sentindo. (E5)		Enfatizar nossos desejos perante a sociedade. (E3) Frequência: 1
Com toda certeza! A moda quando não influenciada pelo capitalismo, consumo	As roupas são como a tinta e a tela para o artista, uma forma de externalizar aquilo que		Mostrar sua personalidade. (E4) Frequência: 1

desenfreado, serve de comunicação para que as pessoas demonstrem através da sua roupa, o que está sentindo. As roupas são como a tinta e a tela para o artista, uma forma de externalizar aquilo que está dentro de nós. (E5) Sim, a moda é o reflexo do ser e por isso é importante uma análise pessoal das vestes, para saber se você realmente está transmitindo o que é. (E6)	está dentro de nós. (E5) Sim, a moda é o reflexo do ser e por isso é importante uma análise pessoal das vestes, para saber se você realmente está transmitindo o que é. (E6)		
---	--	--	--

CATEGORIA DE ANÁLISE IV – PARA OS PARTICIPANTES A MODA PODE CONTRIBUIR NO PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO E/OU CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DE GÊNERO			
CATEGORIA INICIAL	CATEGORIA INTERMEDIARIA	CATEGORIA FINAL	OBSERVAÇÕES OU CATEGORIA FINAL
Sim, pois o ato de se vestir exterioriza um desejo interior e este pode desconstruir um padrão social e construir um novo no qual o ser se plenifica. (E1) Sim, pois hoje em dia ainda existe muito o conceito do que são roupas para determinado gênero. (E2) Sim, a moda pode ser usada como forma de empoderamento, enfatizando os desejos e necessidades dos	Sim, pois o ato de se vestir exterioriza um desejo interior. (E1) Pode desconstruir um padrão social e construir um novo no qual o ser se plenifica. (E1) Ainda existe muito o conceito do que são roupas para determinado gênero. (E2) Sim, a moda pode ser usada como forma de empoderamento. (E3) Enfatizando os desejos. (E3)	Exteriorização de um desejo. (3) Construção de um ser completo. (2) Roupas pré-determinadas. (1) Empoderamento. (3) Necessidades. (1) Desconstrução de paradigmas. (2) Contribuição na desconstrução. (1) Moda a seu favor. (1)	As vestimentas, a moda, são artigos que podem lucidar o que estamos sentindo ou o que queremos por pra fora. (E1, E3 e E5) Frequência: 3 Sim, a moda pode ser usada como forma de empoderamento. (E3, E4 e E6) Frequência: 3 Pode desconstruir um padrão social e construir um novo no qual o ser se plenifica. (E1 e E3) Frequência: 2 Sim, pois vivemos num mundo

indivíduos, dessa forma desconstruímos paradigmas e pré-conceitos na intenção de construir uma identidade que represente o sujeito de forma completa. (E3) A Moda pode sim e contribui para o processo de desconstrução de gênero, a partir do momento em que o usuário usa a moda ao seu favor, ao seu sentir bem, e se impõe sobre aquilo que é e como se vê. (E4) Pode sim, como falei a cima, as vestimentas, a moda, são artigos que podem lucidar o que estamos sentindo ou o que queremos por pra fora. Eu por exemplo, quando sinto que estou muito “normal” ou quando sinto a necessidade de chamar a atenção, pinto meu cabelo de platinado... fazia isso inconscientemente, mas ao longo dos estudos sobre identidade, fui percebendo que isso era a externalização da minha outra identidade, Ohara Gray, que me fazia bem em me ver	Necessidades dos indivíduos. (E3) Dessa forma desconstruímos paradigmas e pré-conceitos. (E3) Intenção de construir uma identidade que represente o sujeito de forma completa. (E3) A Moda pode sim e contribui para o processo de desconstrução de gênero. (E4) A partir do momento em que o usuário usa a moda ao seu favor, ao seu sentir bem. (E4) Se impõe sobre aquilo que é e como se vê. (E4) As vestimentas, a moda, são artigos que podem lucidar o que estamos sentindo ou o que queremos por pra fora. (E5) Sim, pois vivemos num mundo construído de paradigmas e a moda pode ser uma das ferramentas para de desconstruir isso. (E6) Uma vez que podemos nos comunicar pela veste. (E6)		construído de paradigmas e a moda pode ser uma das ferramentas para de desconstruir isso. (E3 e E6) Frequência: 2 Hoje em dia ainda existe muito o conceito do que são roupas para determinado gênero. (E2) Frequência: 1 Necessidades dos indivíduos. (E3) Frequência: 1 A Moda pode sim e contribui para o processo de desconstrução de gênero. (E4) Frequência: 1 A partir do momento em que o usuário usa a moda ao seu favor, ao seu sentir bem. (E4) Frequência: 1
---	--	--	--

loiro, tanto que ela, é loira. (E5)			
Sim, pois vivemos num mundo construído de paradigmas e a moda pode ser uma das ferramentas para de desconstruir isso, uma vez que podemos nos comunicar pela veste. (E6)			

CATEGORIA DE ANALISE V – OS PARTICIPANTES FAZEM O USO DA VESTIMENTA DA EXTERIORIZAR SUA IDENTIDADE DE GÊNERO			
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	CATEGORIA INTERMEDIARIA	CATEGORIA FINAL	OBSERVAÇÕES OU CATEGORIA FINAL
Sim, possuo meu órgão sexual masculino o qual me sinto confortável em manter, mas uso das vestimentas para traspor meu outro gênero a florado o feminino. (E1)	Uso das vestimentas para traspor meu outro gênero a florado o feminino. (E1)	Exteriorização da identidade de gênero. (2)	Uso das vestimentas para traspor meu outro gênero a florado o feminino. (E1 e E6) Frequência: 2
Não utilizo da moda para exteriorizar minha identidade de gênero. (E2)	Não utilizo da moda para exteriorizar minha identidade de gênero. (E2)	Não utilizo. (2)	Não utilizo da moda para exteriorizar minha identidade de gênero. (E2 e E4) Frequência: 2
Sim, por ter nascido uma mulher em um corpo de homem e não me aceitar desta forma, a moda se fez muito importante, já que meu corpo não transpassava minha essência, as vestimentas o faziam. (E3)	A moda se fez muito importante, já que meu corpo não transpassava minha essência, as vestimentas o faziam. (E3)	Inconsciente. (1)	A moda se fez muito importante, já que meu corpo não transpassava minha essência, as vestimentas o faziam. (E3 e E5) Frequência: 2
Não, a maioria das vezes em que me visto gosto de usar da androgenia e misturar peças que são postas	Não, a maioria das vezes em que me visto gosto de usar da androgenia e misturar peças que são postas	Criação de uma identidade. (1)	Sim, mas creio que seja algo inconsciente. (E5) Frequência: 1
	Sim, mas creio que seja algo inconsciente. (E5)		A pessoa vai criando sua identidade a partir dos seus gostos, de como se sente bem. (E5) Frequência: 1
	A pessoa vai criando sua identidade a partir		

como masculinas/femininas. (E4) Sim, mas creio que seja algo inconsciente. A pessoa vai criando sua identidade a partir dos seus gostos, de como se sente bem. Isso que vai diferencia-la de outras pessoas, esta autonomia em escolher como se produzir. (E5) Sim, sou lésbica logo sinto atração pelo mesmo sexo, mas nisso ainda me sinto mulher e me visto tala qual, dessa forma exterioriza minha identidade de gênero. (E6)	dos seus gostos, de como se sente bem. (E5) Vai diferencia-la de outras pessoas, esta autonomia em escolher como se produzir. (E5) Sou lesbica logo sinto atração pelo mesmo sexo, mas nisso ainda me sinto mulher e me visto tala qual, dessa forma exterioriza minha identidade de gênero. (E6)		
---	--	--	--